

DESARMADA

12

Ano I, nº 1 Junho 2019

Editorial

Por Nuno Nabais

Era um projecto antigo. Mas, como tudo o que tem acontecido na Fábrica, foi um mero acaso que o tornou real. Ao entrevistar um candidato para trabalhar connosco na livraria descobrimos que estávamos na presença de um muito talentoso artista gráfico que terminava uma tese de doutoramento na Faculdade de Belas Artes de Lisboa sobre buracos urbanos. Percebemos que ele seria perfeito para criar a revista digital da Fábrica.

Este é o primeiro número.

Totalmente experimental. Porque foi pensado e executado sobre a hora, a tempo de ser editado no dia da celebração dos nossos 12 anos de vida, este número 1 procura ser sobretudo o “Manifesto” daquilo que tem sido a nossa aventura e daquilo de que se alimentam as linhas de força dos nossos projectos. São frases curtas. Pequenos SMS enviados para a eternidade possível de uma existência virtual, em forma de promessas. Por isso, quase nada do que queremos que esta revista venha a ser está já presente neste número.

Só tem uma entrevista com um dos nossos músicos - que fala aqui sobretudo na condição de Director da Escola de Jazz. Nos próximos números publicaremos muitas conversas de fundo com aqueles que dão vida à nossa agenda (músicos, artistas plásticos, autores literários).

Também este número 1 tem apenas um artigo de fundo, o de Paola Rolleta, sobre o projecto de Steve Bannon de criar uma universidade privada de ciência política num convento do sec.XIII em Itália. É aqui publicado como convite a pensar na urgência em criar na Fábrica do Braço de Prata também uma universidade privada, também de ciência política, mas orientada por preocupações opostas às do ex-assessor de Trump.

As notícias sobre as nossas exposições são agora muito esquemáticas. Queremos que elas passem a incluir textos críticos, acompanhados por ensaios de maior fôlego sobre alguns dos temas que definem o pensamento da arte contemporânea.

O mesmo acontece com a secção dedicada à nossa livraria. Um tímido olhar sobre a tradução recente do quarto volume da História da Sexualidade de Michel Foucault vem sobretudo inaugurar uma secção de crítica de livros. Ela procurará contrariar, pela sua exaustividade, o desaparecimento progressivo de suplementos literários nos principais jornais do nosso país.

Por último, o programa dos concertos do mês. Aqui tem unicamente a forma de um calendário com indicação das bandas ou dos músicos que se apresentarão em Junho. De futuro, a nossa revista será o complemento erudito do programa dos concertos - que continuará a estar sempre disponível na página da Fábrica e no nosso Facebook - com curtos ensaios de estética musical dedicados aos mais relevantes concertos previstos para cada mês.

Decidimos dar a esta nova revista o título de Desarmada. É muito mais do que uma referência aos anteriores usos da Fábrica. Se vivemos todos num regime democrático, tornado possível em 25 de Abril de 1974 por algo que se apresentou como Movimento das Forças Armadas, chegou o momento de aprofundar a nossa democracia a golpes de Forças Desarmadas, como aquelas que se inventam todos os dias com oficinas de circo e de literatura para crianças que não querem ir à escola, com aulas de Jazz, com exposições de artistas que não fazem parte da colecção Berardo, com livros mais baratos do que aqueles que se vendem nos supermercados, mas também com bacalhau, petiscos e muito vinho tinto.

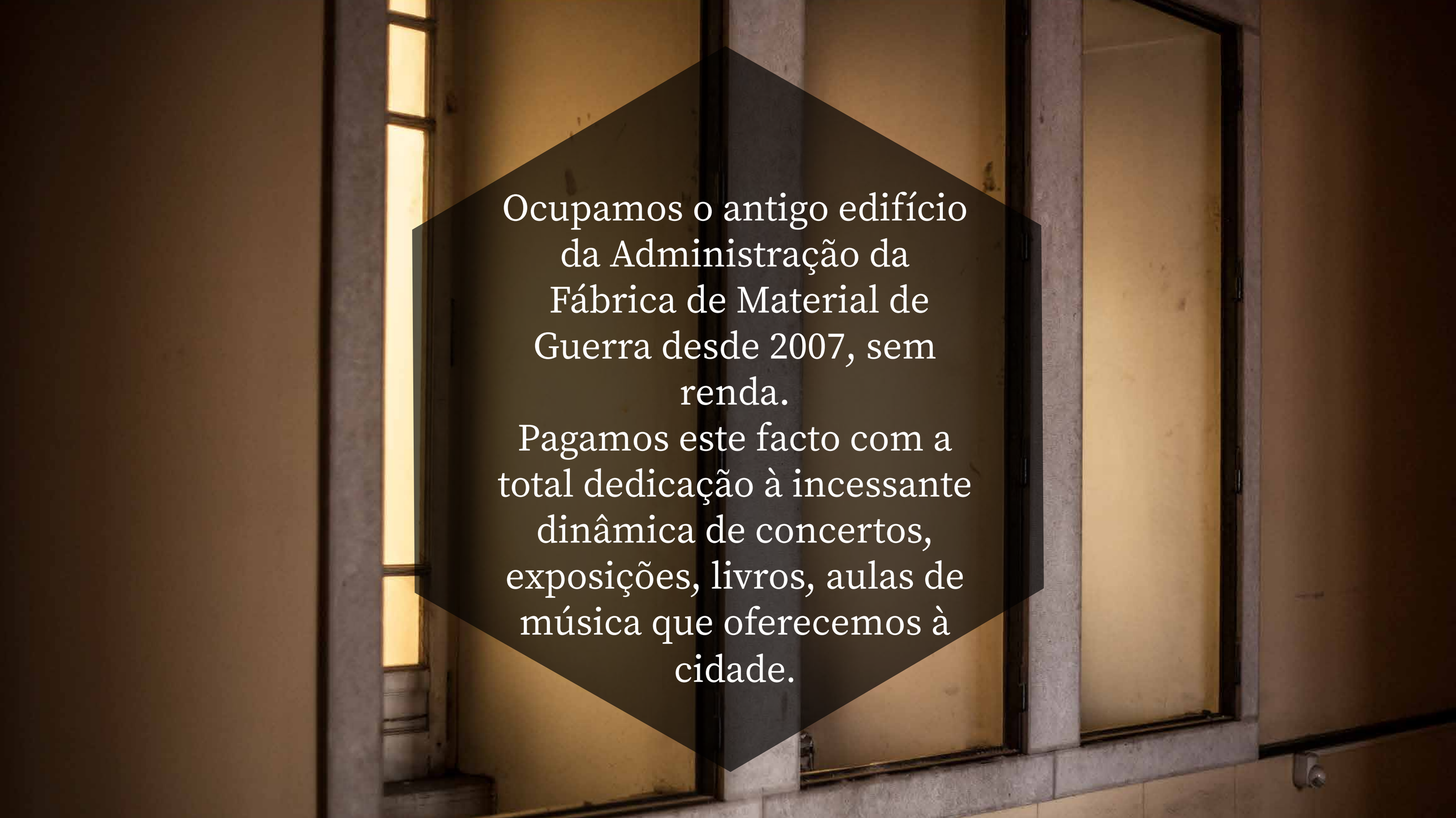
Usamos uma forma jurídica ainda por criar: somos uma empresa privada, mas sem fins lucrativos.

12 traços de carácter



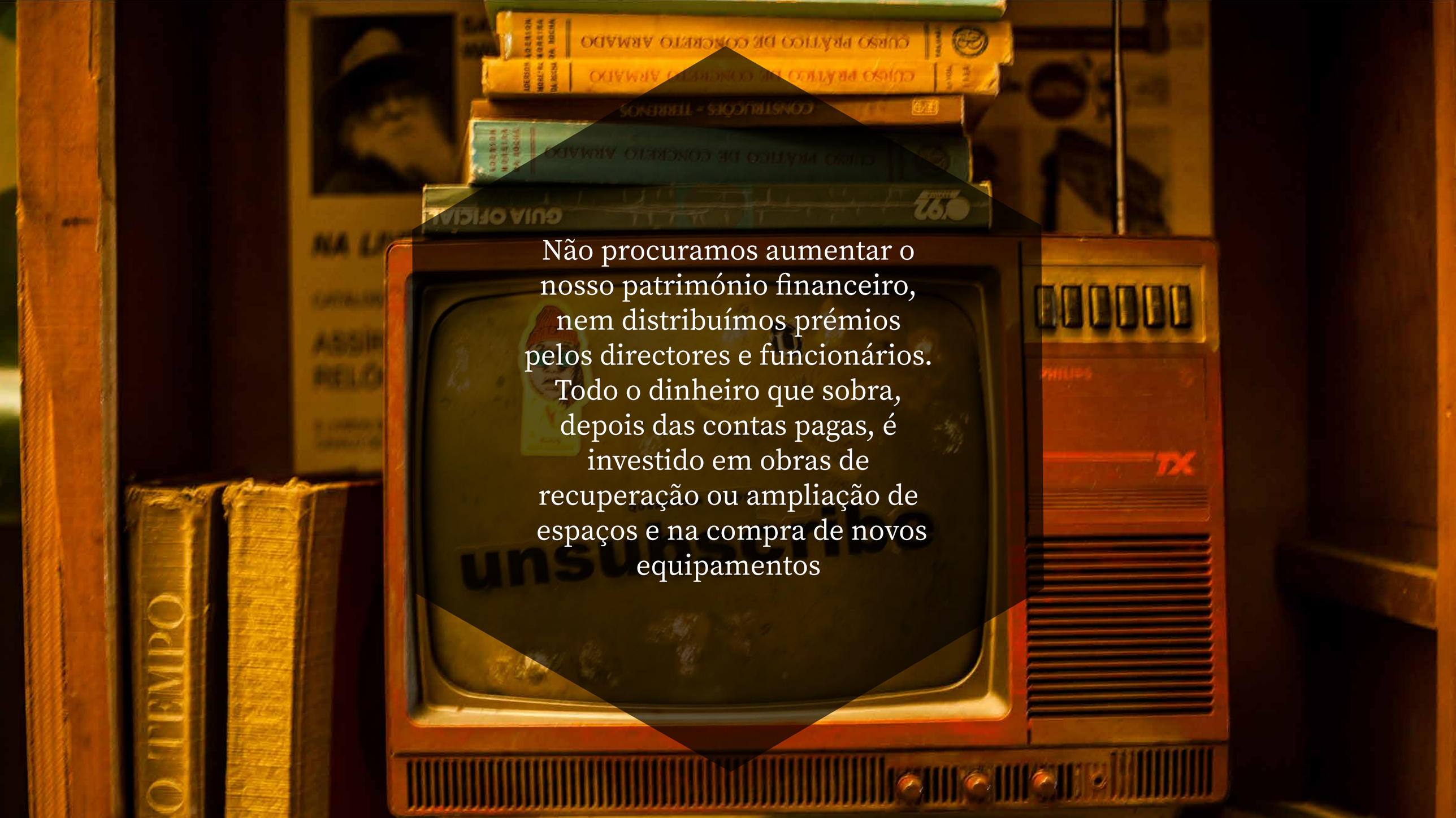
Recusamos a alternativa
entre o Privado e o Público.
A Fábrica trabalha no
regime de uma Economia
do Comum.

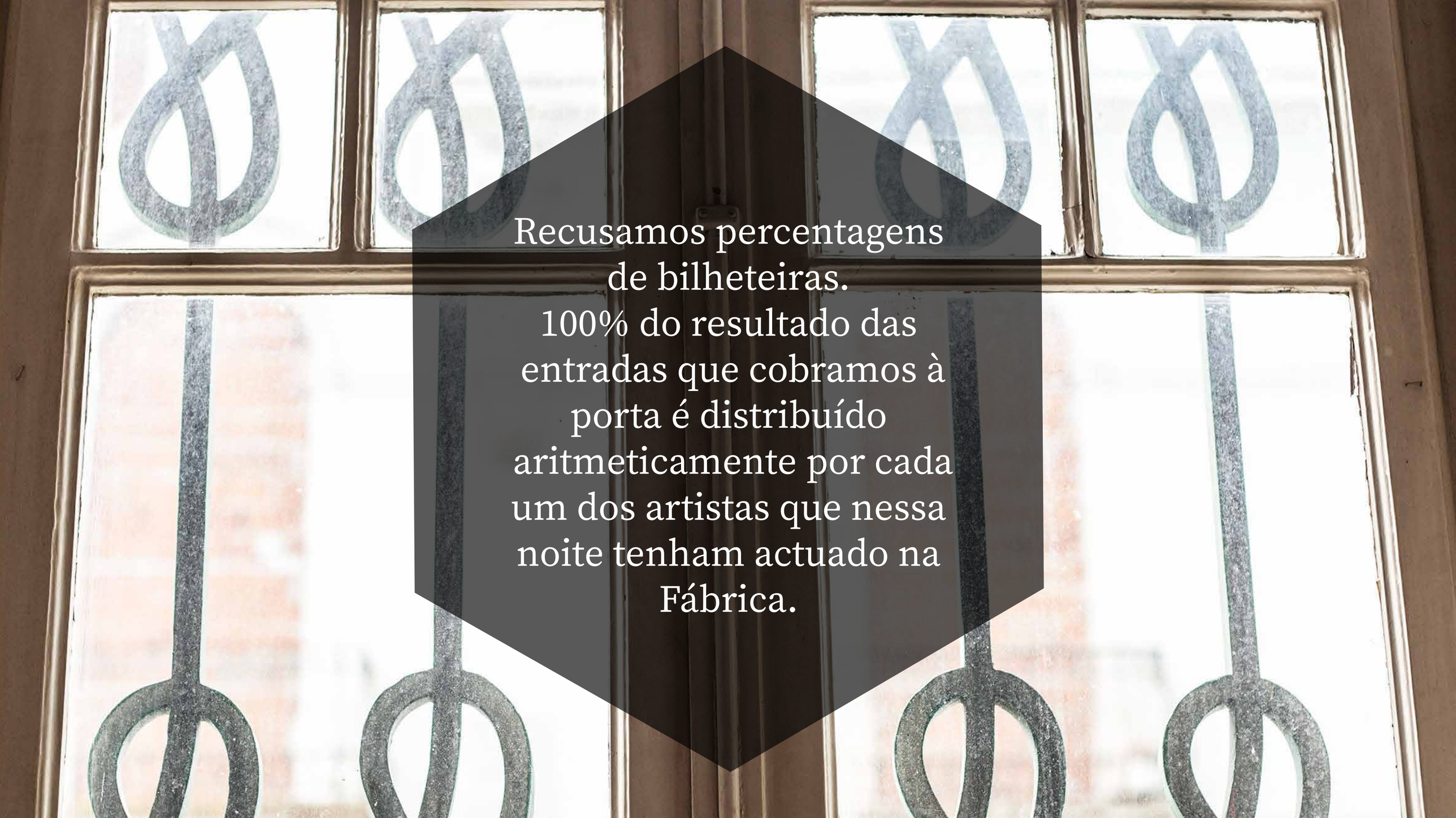
Evitamos qualquer forma de dependência. Lutamos por encontrar formas de subsistência autónomas, que não nos obriguem a depender de subsídios ou de solidariedades.



Ocupamos o antigo edifício da Administração da Fábrica de Material de Guerra desde 2007, sem renda.
Pagamos este facto com a total dedicação à incessante dinâmica de concertos, exposições, livros, aulas de música que oferecemos à cidade.

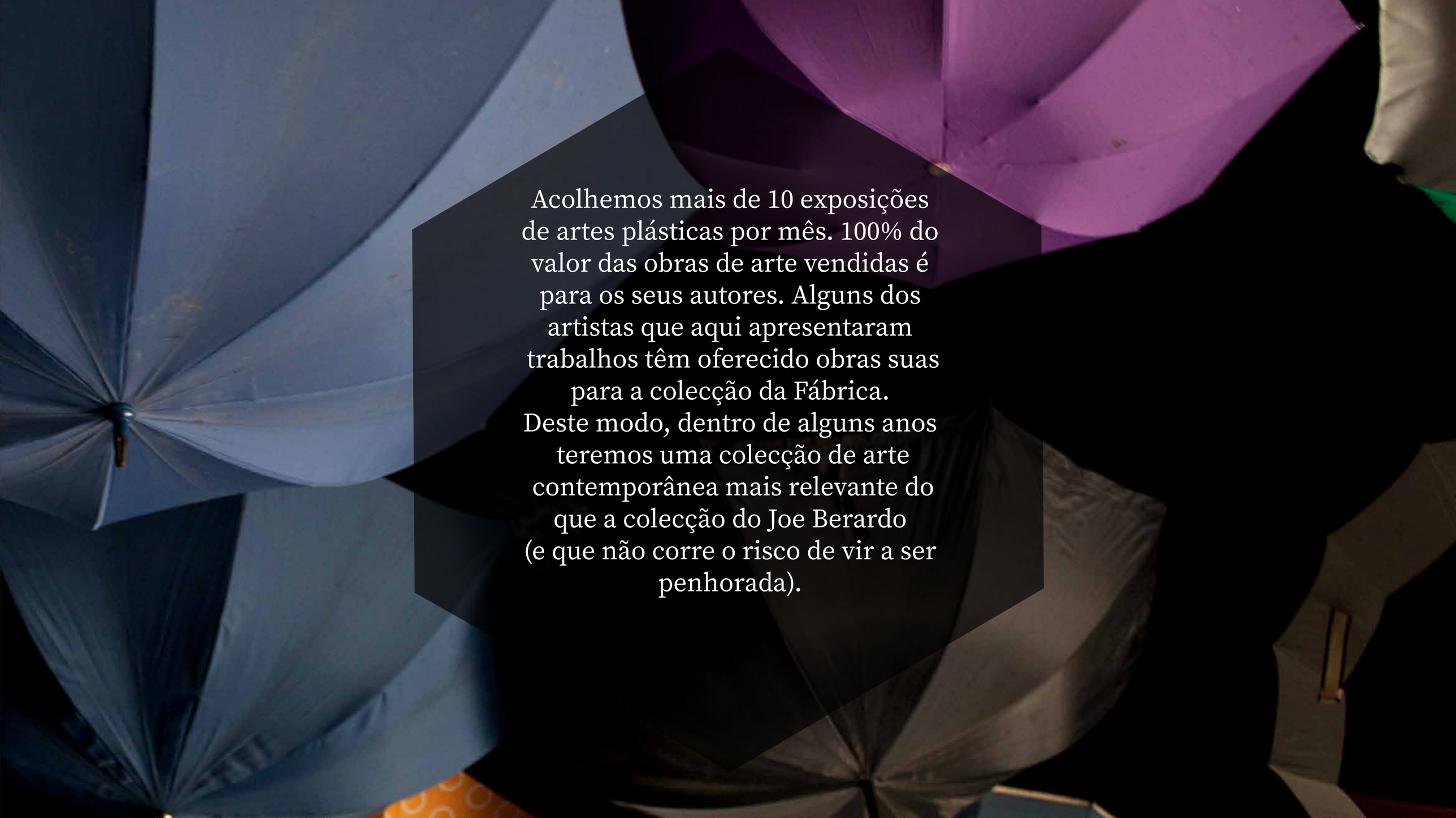
Funcionamos com assalariados, não com voluntários. Todos têm direito a conseguir pagar as suas contas com a sua capacidade de trabalho.


Não procuramos aumentar o
nosso património financeiro,
nem distribuímos prémios
pelos directores e funcionários.
Todo o dinheiro que sobra,
depois das contas pagas, é
investido em obras de
recuperação ou ampliação de
espaços e na compra de novos
equipamentos

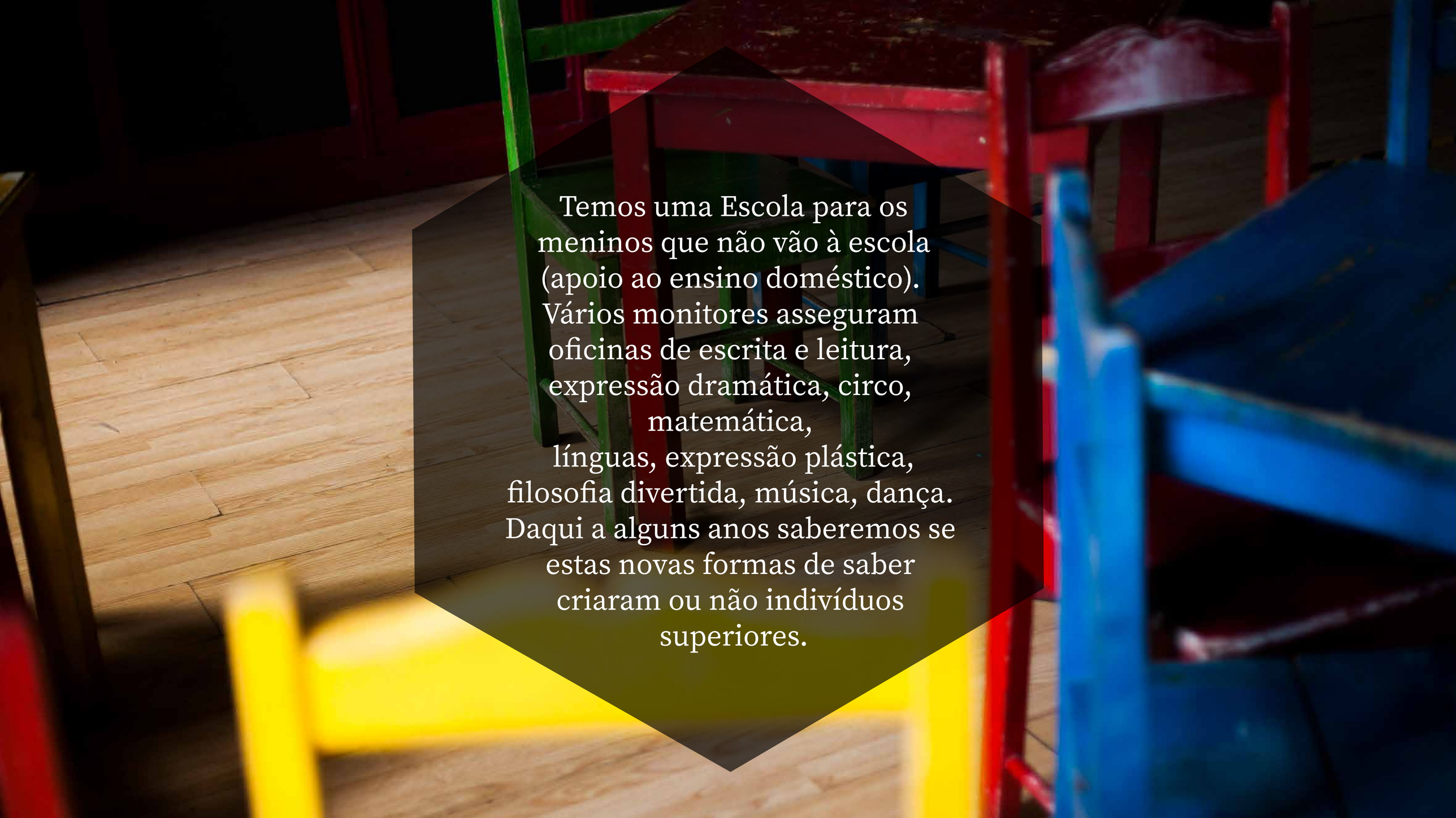


Recusamos percentagens
de bilheteiras.
100% do resultado das
entradas que cobramos à
porta é distribuído
aritmeticamente por cada
um dos artistas que nessa
noite tenham actuado na
Fábrica.

Queremos um ensino da música
mais acessível, por isso fizemos de
todas as nossas salas de
concerto laboratórios de
aprendizagem e por isso também
criámos uma escola de música
com as mensalidades mais baixas
da cidade, na qual os professores,
que são alguns dos mais
importante músicos que animam
as noites da Fábrica,
recebem salários iguais aos de
qualquer outra escola.

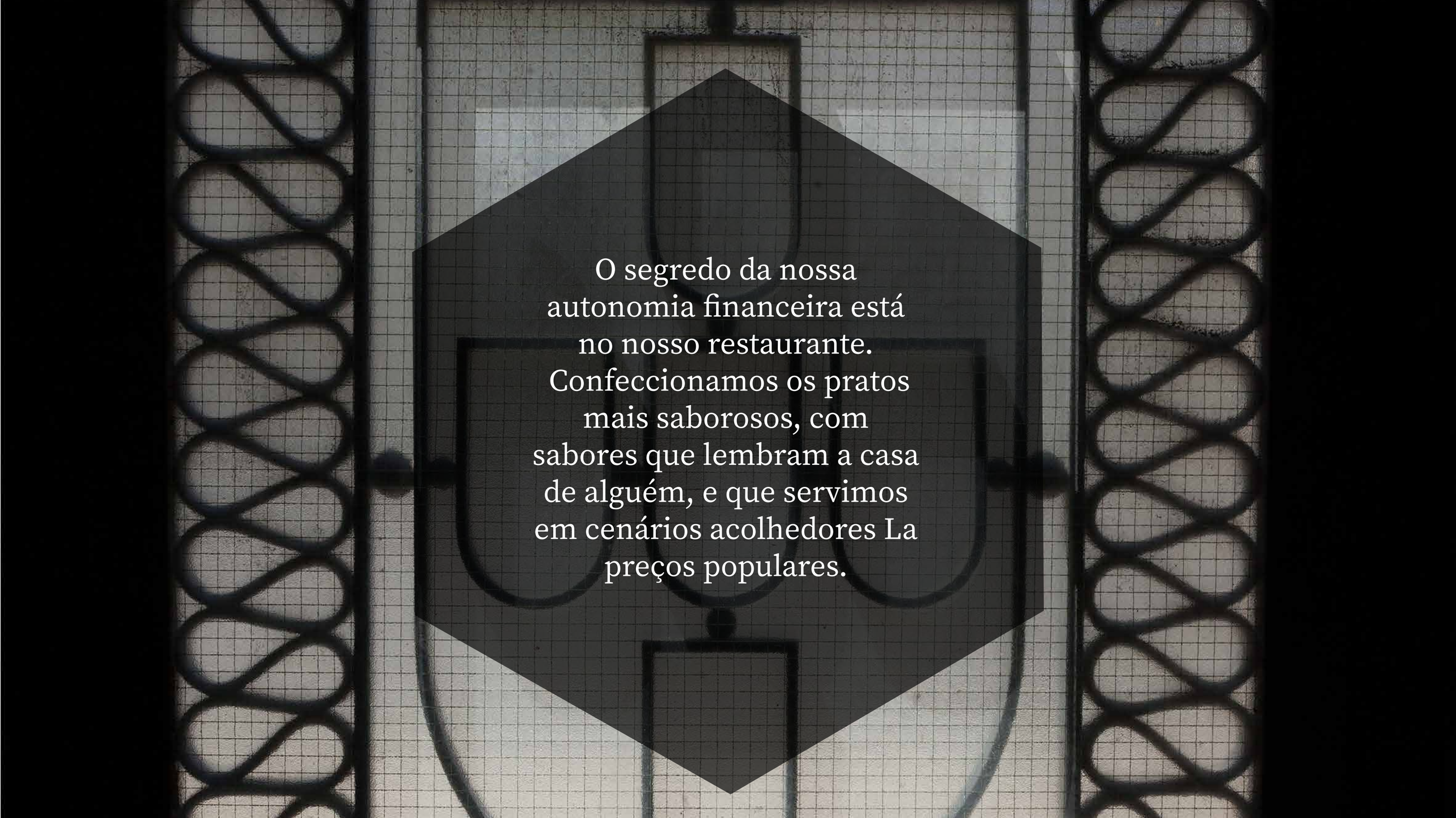


Acolhemos mais de 10 exposições de artes plásticas por mês. 100% do valor das obras de arte vendidas é para os seus autores. Alguns dos artistas que aqui apresentaram trabalhos têm oferecido obras suas para a colecção da Fábrica.
Deste modo, dentro de alguns anos teremos uma colecção de arte contemporânea mais relevante do que a colecção do Joe Berardo
(e que não corre o risco de vir a ser penhorada).



Temos uma Escola para os meninos que não vão à escola (apoio ao ensino doméstico). Vários monitores asseguram oficinas de escrita e leitura, expressão dramática, circo, matemática, línguas, expressão plástica, filosofia divertida, música, dança. Daqui a alguns anos saberemos se estas novas formas de saber criaram ou não indivíduos superiores.

Na raiz desta aventura está uma livraria (livros novos e usados) especializada em Ciências Humanas. Chamava-se Eterno Retorno e existiu no Bairro Alto entre 2001 e 2005. Desde então promovemos lançamentos de livros, convidamos autores para palestras, e, mais recentemente, oferecemos um curso livre de filosofia contemporânea.



O segredo da nossa autonomia financeira está no nosso restaurante. Confeccionamos os pratos mais saborosos, com sabores que lembram a casa de alguém, e que servimos em cenários acolhedores La preços populares.

Cartuxa Europeia

Por Paola Rolletta*

*Texto da conferência “Património em risco. A Cartuxa de Trisulti entre política, igreja e máfia”. Conferência apresentada a 22 de Maio, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por iniciativa do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, unidade interinstitucional que associa as universidades de Coimbra e do Algarve e o Campo Arqueológico de Mértola.

Paola Rolletta é jornalista e ensaísta. Depois de 15 anos em Moçambique como correspondente de várias agências noticiosas, como Agenzia Italia e Lusa, regressou a Itália onde tem feito produção para televisão, para além de organizadora de festivais literários e exposições fotográficas.
Em 2015 publicou Finta Finta, uma história do futebol em Moçambique dos anos 50 até à actualidade. Nesse mesmo ano publicou Hommage to the miner at Moatize como prefácio ao livro fotográfico de Moira Forjaz Mozambique 1975/1985.
É também autora de uma antologia de poesia de Sophia de Melo Breyner, que traduziu para italiano.

Steve Bannon já não poderá, tranquilamente, fazer da Cartuxa de Trisulti a sede da sua academia para ensinar o populismo, criar líderes políticos para destruir o actual sistema globalista e construir uma União Europeia nacionalista e de direita.
O caso tem vindo a ser denunciado ao longo dos meses por vários jornais, muitas pessoas até têm saído à rua “abraçando” a Cartuxa de Trisulti, um mosteiro beneditino na vila de Collepardo - a cerca 100 quilómetros de Roma -, consagrado em 1211 e monumento nacional desde 1879, para a proteger dos desenhos eversivos do ex-estratega de Donald Trump.
Hoje são o Tribunal de Contas, o Advogado do Estado e a Procuradoria da República a investigar sobre este caso desmazelado que chegou à atenção mundial feito de enredos e conivências entre sectores da política e da igreja, a altos níveis: o escândalo da concessão do antigo mosteiro a personagens dúbias, mas de clara matriz fundamentalista católica e de extrema direita.
Duas interpelações parlamentares do partido Sinistra Italiana (Esquerda Italiana), duas marchas e duas mil assinaturas – já entregues ao Ministério da Cultura italiano – foram as armas da sociedade civil para despertar a opinião pública nacional e internacional sobre um abuso que se vinha perpetrando há largos meses.

Três homens na Cartuxa

Desde Fevereiro do ano passado, a Cartuxa de Trisulti foi entregue pelo Ministério da Cultura da República italiana ao Dignitatis Humanae Institute (DHI), uma emanação dos teocons americanos, sendo, na prática, o "braço" italiano de Steve Bannon, e o "braço" político do cardeal Raymond Leo Burke.

Steve Bannon, artífice reconhecido da campanha eleitoral de Donald Trump, era também presidente executivo do influente site noticioso americano de extrema direita, Breitbart News. Mesmo tendo sido afastado dos dois cargos, Bannon tem continuado a apresentar o pensamento de Trump como o seu principal ponto de referência, exaltando-o como "um dos poucos líderes políticos que defende a sobrevivência do Ocidente cristão contra a esquerda niilista". Levou pela Europa o seu pensamento político, criou o The Movement, movimento transnacional que, segundo as suas intenções, deve reunir todas as direitas europeias populistas, entre as quais a Lega de Matteo Salvini, considerado por Bannon como uma das "duas figuras políticas mais importantes do mundo", juntamente com o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro.

As posições supremastistas de Bannon são partilhadas pelos dois políticos italianos que constam no topo do DHI: Luca Volonté e Rocco Buttiglione. Partilhando das mesmas posições teocons extremistas, também o presidente honorário do DHI, o cardeal Renato Raffaele Martino, convidou Bannon a falar no Vaticano e, em 2014, escreveu uma carta (publicada no website do DHI) onde pedia ao Papa Francisco para pressionar o então ministro da cultura italiano, Dario Franceschini (do Partido Democrático), a entregar a Cartuxa de Trisulti ao DHI.

Em Janeiro deste ano, o cardeal Martino pediu demissão e a presidência honorária passou para o cardeal Raymond Leo Burke, e o seu lugar no conselho de administração do DHI passou para Steve Bannon, o principal financiador da associação.

O estratega americano é mentor ideológico do segundo homem chave desta história, o britânico Benjamin Harnwell que, como fundador, director, representante legal e presidente do Board of Trustees do Dignitatis Humanae Institute, se tornou o inquilino oficial da Cartuxa de Trisulti, partilhando a casa com o único monge que ainda aqui vive. Dom Ignazio, de seu nome Mario Rossi, com 83 anos, que nestes últimos anos tem sido refém, malgré lui, desta história. Foge dos jornalistas, mas lança farpas contra o abade de Casamari que "entregou" a Cartuxa "a essa gente..." Não quer ser "despejado" do sítio onde viveu a vida inteira e quer morrer na "sua Cartuxa".

O terceiro homem é o cardeal Raymond Leo Burke, amigo de Bannon e confidente de Harnwell. Defensor e praticante do rito tridentino, ex-arcebispo de St. Louis, já presidente do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, onde ficou confirmado apenas como membro; já foi elemento da Congregação da Causa dos Santos, hoje é apenas patrono do Soberano Militar Ordem de Malta, um cargo meramente simbólico. Os comentadores do Vaticano dizem que as sucessivas quedas hierárquicas dos cargos são devidas às suas posições ultraconservadoras.
Burke, além de ser um dos principais expoentes da ala ultraconservadora da Igreja, é também um dos principais opositores do Papa Francisco. Em 2016, foi um dos quatro cardeais que assinaram os Dubia, o documento onde se contesta a decisão do Papa Bergoglio sobre a legitimidade da comunhão aos divorciados recasados, e que, em conjunto com o cardeal alemão Walter Brandmüller, por ocasião da conferência sobre a pedofilia, escreveu uma carta aberta aos presidentes dos episcopados, criticando a escolha do Papa Francisco em focar o debate apenas na pedofilia e não sobre a homossexualidade presente na Igreja.

A Cartuxa de Trisulti

A Cartuxa de Trisulti tinha sido entregue aos cistercienses de Casamari em 1947 e aqui se firmou um centro de espiritualidade e de difusão da ervanária de tradição monástica. No início do processo que agora decorre, ficaram apenas quatro monges, idosos e doentes, cujo destino seria regressar ao convento de origem e a Cartuxa voltaria à protecção do Estado. O asfixiante definhamento das grandes ordens religiosas medievais vai deixando um vazio muito difícil de preencher no património monumental sagrado e tornado propriedade pública.
Para evitar a decadência e não tendo capacidade económica para assegurar a manutenção deste património (na sua maior parte entregue às ordens religiosas), a concessão dos bens foi a estratégia possível encontrada pelo Estado.
Em Outubro de 2016, o Ministério da Cultura italiano, chefiado pelo ministro Dario Franceschini (Partido Democrático), lança um edital sobre 13 bens do Património Cultural do Estado. Entre eles, a Cartuxa de Trisulti.
Apenas duas organizações participaram no concurso, o DHI e a Academia Nacional das Artes do Castelo Petroro de Todi, comunidade de monges e laicos vegetarianos, das Igrejas ortodoxas. Esta última foi excluída por falta de documentação, dizem no Ministério. “Na realidade, a decisão já está tomada”, comentou, em Janeiro de 2018, o padre Massimiliano, na altura chefe da Abbazia di San Martino, sede da Academia.

Durante os meses que se seguiram, o Ministério da Cultura pediu mais documentação a asseverar a gestão de um bem público ou privado no quinquénio anterior à data do edital. O padre Massimiliano não pôde participar porque ficara detido em Maio de 2018 por fraude fiscal... e o DHI apresentou a carta de Eugenio Romagnuolo, abade de Casamari (a casa mãe dos cistercienses), datada de 2015, onde se garantia a entrega do Museu de São Nicola, em Trisulti, para a gestão do DHI. Só que o Museu nunca existira e ainda mais, a carta foi apresentada só em 2017. E ainda mais curiosa é a presença do abade Eugenio Romagnuolo no Board of Trustees do DHI.

Por outro lado, a DHI apresentou uma declaração de "coerência do plano financeiro", por parte de um instituto com sede em Gibraltar da Jyrske Bank, banco dinamarquês envolvido numa série de escândalos financeiros no mercado relativamente às normas anti-branqueamento e evasão fiscal. Será por causa da grande eco internacional, mas o próprio banco declarou como falsa a carta de asseveração apresentada pela DHI.

Apesar disso, o Ministério declara o DHI vencedor do concurso, e em Fevereiro de 2018 é assinada a concessão por 19 anos, com uma renda de 100 mil euros por ano, que o DHI poderá deduzir dos custos de restruturação. A oferta económica deve ter pesado, mas as relações políticas têm pesado ainda mais... Em simultâneo, a paisagem de uma degradação acentuada continua muito visível nos telhados destruídos ou em muros em risco de colapso, onde o património convive com a fixação por fita-cola.

A escola do populismo

A partir da vitória eleitoral da Lega e do Movimento 5 Estrelas, a 4 de Março do ano passado, Steve Bannon declarou-se mentor da ideia de um governo concertado entre os dois partidos populistas que governam a Itália desde Junho.

Inúmeras entrevistas aos principais meios de comunicação social, dão conta do seu projecto de criar na Cartuxa de Trisulti "uma escola para guerreiros da cultura", para formar uma geração de populistas. Em suma, criar pequenos-Salvini e pequenos- Órban.

Benjamin Harnwell, testa de ferro de Steve Bannon e já exibindo no seu curriculum o estatuto de capanga de um deputado conservador em Bruxelas, conta que o projecto inicial passava por uma academia para a Breitbart News, e finalmente "chegou este maravilhoso governo" que representa perfeitamente a missão do DHI. Segundo ele, os partidos nacionalistas e populistas são hoje quem defende a dignidade humana baseada no reconhecimento de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. "Há uma sinergia natural entre o que estamos a fazer e estes partidos", diz Harnwell.

Numa mistura quente entre política e religião, à academia populista de implante político, juntar-se-á, outra academia chefiada pelo cardeal Raymond Leo Burke para levar a cabo o conservadorismo católico.

A Santa Sé não toma posição oficial sobre o assunto: a Cartuxa é património do Estado italiano. Mas, entretanto, Lorenzo Loppa, bispo da diocese de Anagni-Alatri, a que pertence pastoralmente a Cartuxa, fez mea culpa através dos meios de comunicação social, por duas vezes: “Quando os monges estavam prestes a sair, fiz várias diligências junto de outras ordens religiosas. Mas em vão. Hoje estou triste e preocupado porque vejo a
Cartuxa entregue aos inimigos do Papa Francisco.”
No momento das negociações para a concessão, foi ele que escreveu também uma carta recomendando o DHI no Vaticano para fazer pressão junto do Governo italiano.
Talvez o bispo tivesse ficado preocupado porque os habitantes de Collepardo manifestaram o seu desagrado para com ele e para com o abade de Casamari, porque “entregaram” a “nossa” Cartuxa aos “estrangeiros”. Além disso, os habitantes da pequena vila estão muito aborrecidos porque estão a ser apelidados de “extrema direita”. “Não queremos ser apelidados de fascistas. A política deixou que a nossa Cartuxa ficasse entregue a essas pessoas. Nenhum político, nem o bispo nem o abade pediram a nossa opinião sobre o seu destino”.

A marcha sobre Trisulti

Foi nos finais de Dezembro que ocorreu a primeira marcha de protesto organizada pela “Comunità Solidali”, uma rede de cidadãos e associações locais, contra a criação de uma escola nacionalista e populista na Cartuxa.
Os habitantes de Collepardo assistiram de olhos atentos, mas desconfiados. “Só queremos que a Cartuxa volte a ser o que era, mas já não há monges... E quando entra a política nas coisas da Igreja, já não há nada a fazer”, comentavam enquanto algumas centenas de pessoas, vindas de toda a Itália, marchavam até à Cartuxa, seis quilómetros de subida, entre árvores milenárias, no caminho de São Bento.
O presidente da Câmara de Collepardo, Mauro Bussiglieri, entretanto, pensa apenas no retorno económico que uma eventual escola nacionalista poderia dar ao território - com alto nível de desemprego - mas não consegue nem cobrar os impostos camarários à DHI. Até hoje “os tios americanos” não pagaram nem um tostão...
Depois da marcha, o caso chegou ao Parlamento com a interpelação feita por Nicola Fratoianni, da Sinistra Italiana, pedindo esclarecimento sobre a concessão ao DHI. Com extremo embaraço, o subsecretário da Cultura, Gianluca Vacca do Movimento 5 Estrelas, remeteu a responsabilidade para o Governo anterior, afirmando, porém, que em nenhuma alínea do edital havia a possibilidade da criação de uma escola política, mas apenas a valorização e a manutenção do monumento nacional.

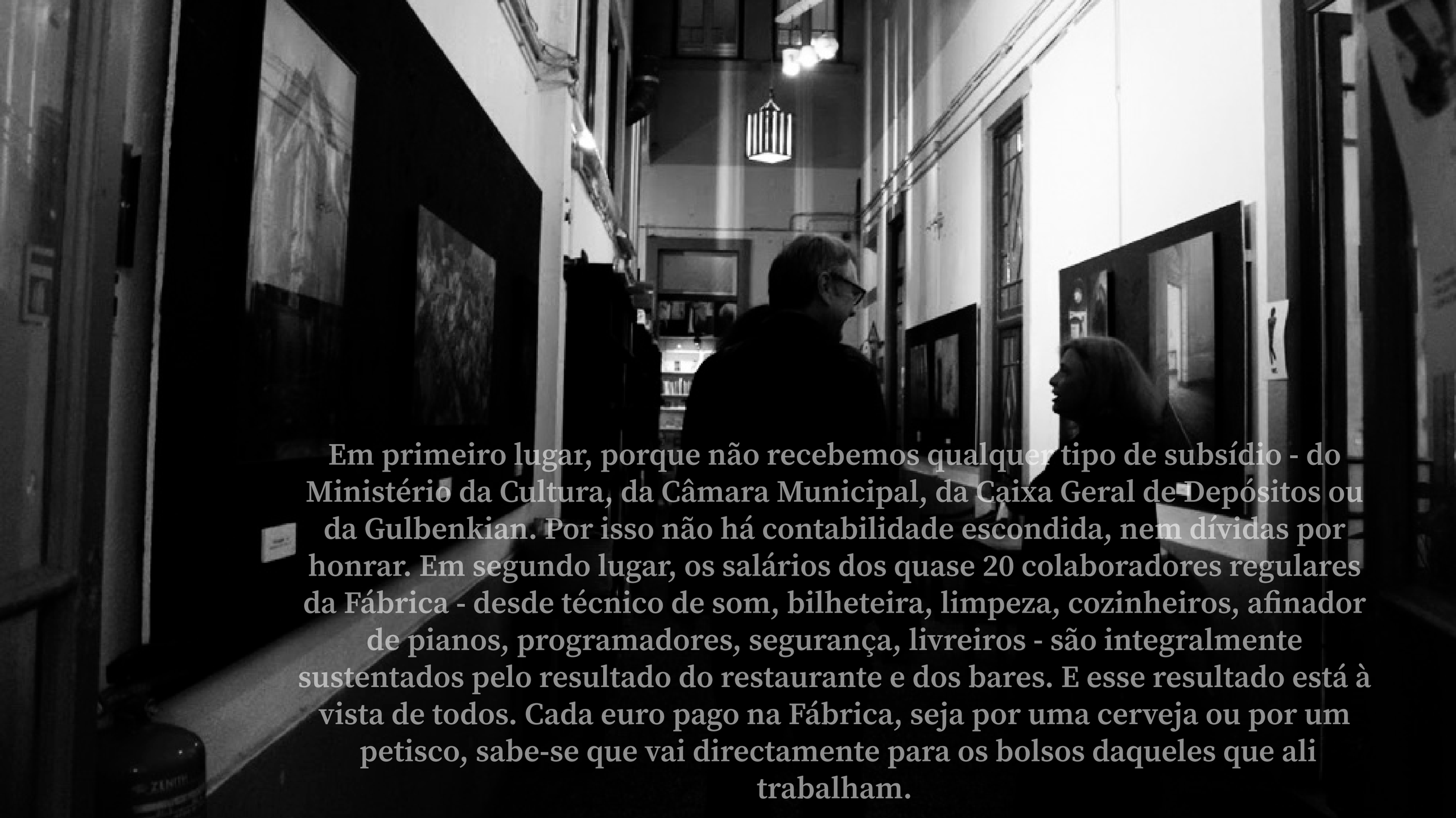
Estranhamente, o contrato de concessão foi registado, com pagamento de impostos à Autoridade Tributária, apenas alguns dias depois da interpelação parlamentar, a 28 de Janeiro de 2019. Uma segunda marcha foi organizada a 16 de Março para pedir a revogação da concessão. O caso voltou ao Parlamento onde o próprio ministro Alberto Bonisoli, do Movimento 5 Estrelas, afirmando a sua distância face ao "obscurantismo" declarado pelos expoentes do DHI, garantiu que nenhuma escola política podia ser feita na Cartuxa, mas, como infelizmente o contrato de concessão tinha sido assinado pelo Governo anterior, só cabia ao actual a vigilância sobre o respeito do mesmo.
"Foi pena que o próprio ministério tivesse dado em concessão um Monumento do Estado a uma Fundação com um curriculum 'incoerente', sem um projecto pormenorizado, com um edital que impede de facto ao próprio Ministério exercer qualquer verificação e controlo periódico", afirma o advogado Felice Maria Spirito.
É mais do que evidente que a alienação (material e moral) do Património Cultural italiano nega à raiz a própria Constituição da República. Mas era impossível imaginar-se que até mesmo um monumento preciosíssimo daquele património se tornasse a base italiana da propaganda do pensamento intolerante e inquietante de Steve Bannon e Donald Trump.

O acto mais recente desta saga cujos resultados estão ainda longe de estarem concluídos, foi a 4 de Abril, quando a "Comunità Solidali" entregou cerca de duas mil assinaturas ao Ministro da Cultura pedindo a revogação da concessão ao DHI, devido às graves ilegalidades do próprio concurso.
E se um silêncio endurecedor das forças políticas locais e nacionais reinou até agora, as denúncias dos media e as marchas de cidadania fizeram despertar a atenção da opinião pública italiana e internacional sobre este abuso, antes administrativo, mas que adquiriu um grande valor simbólico e político, a poucos dias das eleições europeias.



Aquilo que é manifesto na Fábrica ultrapassa em muito tudo o que não aparece. E esse é o paradoxo mais profundo do nosso trabalho - que tudo o que acontece aqui seja totalmente manifesto é o que há de menos manifesto, de menos visível. De facto, nada é menos evidente do que a inexistência de um lado oculto daquilo que se faz e cria na Fábrica do Braço de Prata.
Ao contrário da maior parte das instituições, tanto públicas como privadas, a Fábrica não tem segredos. Nada temos a esconder, que uma inspecção surpresa ou uma comissão de inquérito ponha a descoberto.

Manifesto da Fábrica do Braço de Prata



Em primeiro lugar, porque não recebemos qualquer tipo de subsídio - do Ministério da Cultura, da Câmara Municipal, da Caixa Geral de Depósitos ou da Gulbenkian. Por isso não há contabilidade escondida, nem dívidas por honrar. Em segundo lugar, os salários dos quase 20 colaboradores regulares da Fábrica - desde técnico de som, bilheteira, limpeza, cozinheiros, afinador de pianos, programadores, segurança, livreiros - são integralmente sustentados pelo resultado do restaurante e dos bares. E esse resultado está à vista de todos. Cada euro pago na Fábrica, seja por uma cerveja ou por um petisco, sabe-se que vai directamente para os bolsos daqueles que ali trabalham.



O mesmo se passa com os salários dos músicos que garantem os quase 60 concertos que recebemos por mês. No final de cada noite abrimos a caixa da bilheteira e dividimos aritmeticamente 100% do total pelo número dos músicos que tiverem actuado nessa noite. Na nossa relação com os mais de 3.000 músicos que, ao longo de 12 anos, já tocaram na Fábrica, não existe o “cachet” (que em francês significa “escondido”). Todos recebem o mesmo no final da noite e o que recebem, retirado integralmente do montante realizado na bilheteira, deriva directamente da afluência do público (o que pode ser verificado por qualquer um).

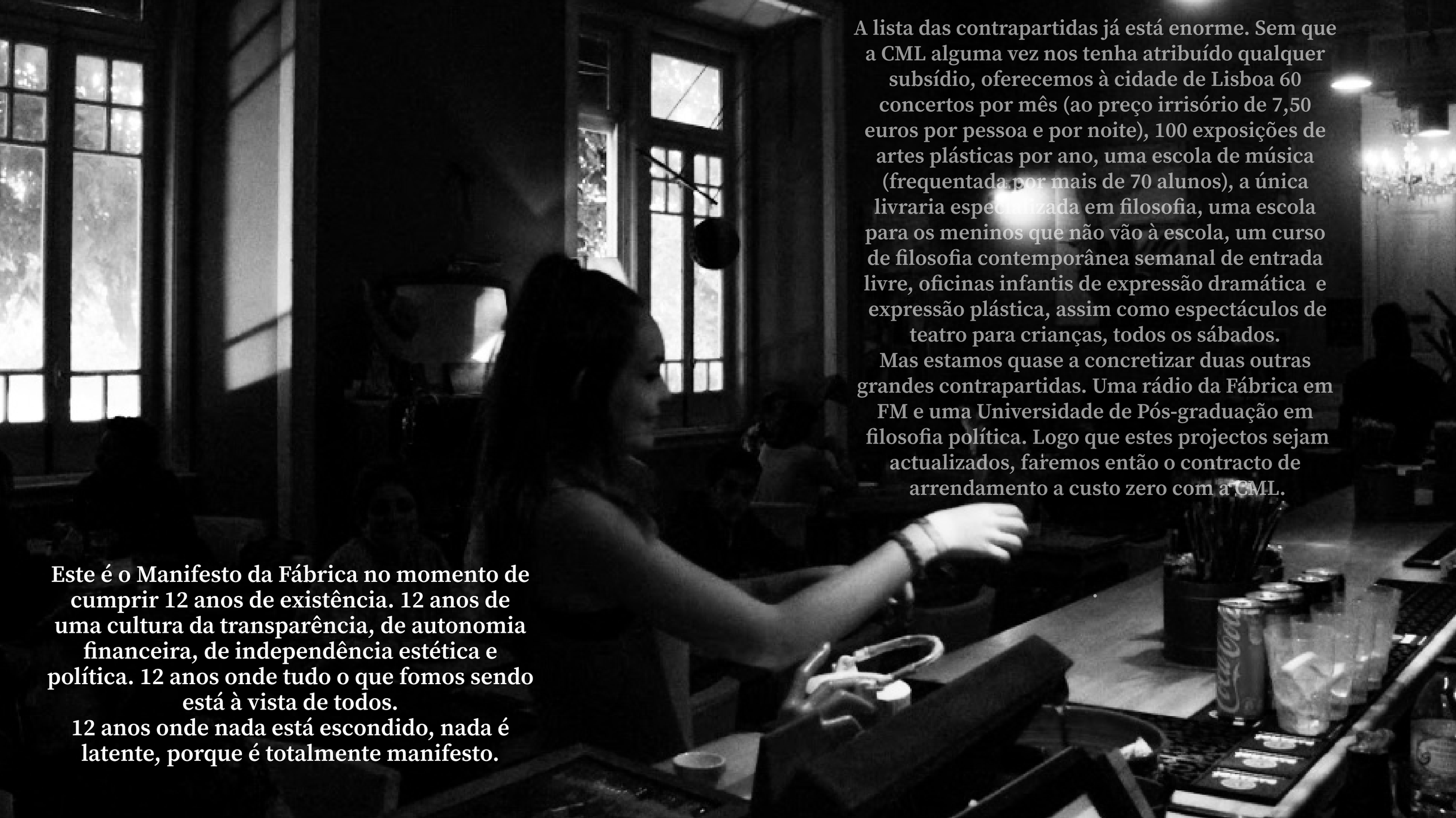
Em terceiro lugar, todos os nossos responsáveis pelas várias dimensões da Fábrica - programação musical, jantares de grupo, organização das actividades infantis, curadoria das exposições, monitores das oficinas de ensino doméstico, professores da escola de música, livreiros - trabalham em campo aberto. Podem ser interpelados a qualquer
momento do dia ou da noite, em qualquer das salas onde eles montam os seus “escritórios” em regime de partilha de mesas ou de janelas.



Os músicos
acertam agendas directamente com a responsável pela programação musical.
As propostas de exposições são discutidas ao vivo, muitas vezes com as obras propostas espalhadas sobre as mesas.
Os alunos da escola de música combinam o horário das suas aulas enquanto bebem uma cerveja com os professores.

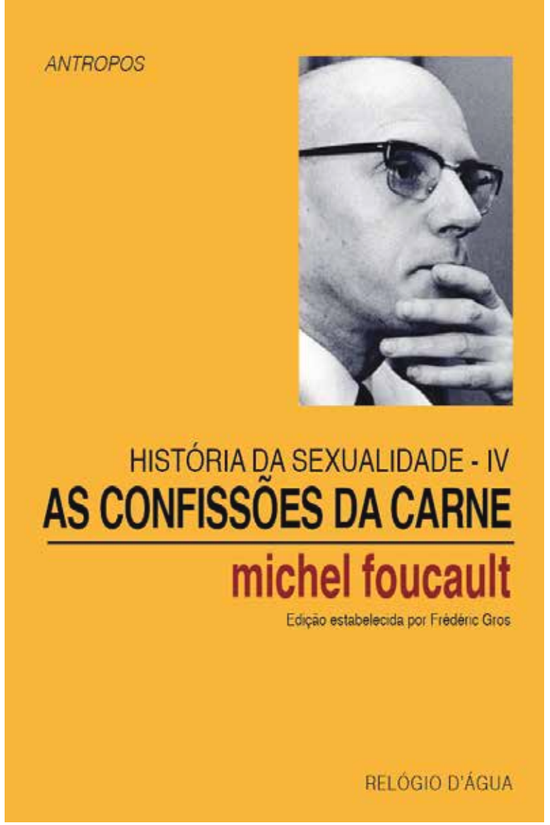


Por último, a nossa relação jurídica com a Câmara Municipal de Lisboa. Apesar de ser muito extravagante, é totalmente transparente. A CML, que apenas depois de 2016 passou a ser proprietária do edifício da Fábrica, propôs-nos um contracto de arrendamento com o valor de zero euros mensais. Só ainda não assinámos um tal contracto por querermos estabelecer previamente o conjunto benefícios que a Fábrica pode oferecer à cidade de Lisboa como contrapartida por esse apoio da CML.
É verdade que o valor de renda zero proposto pela Câmara Municipal não é senão a continuação do regime de ausência de renda que, desde o início em 2007, tínhamos estabelecido com o anterior proprietário. Com efeito, no momento de ocuparmos este edifício, acordou-se o modelo do comodato com a empresa imobiliária Obriverca que tinha comprado toda a antiga Fábrica de material de guerra para construir um condomínio de luxo com projecto do arquitecto Renzo Piano.
Mas sabemos que ao aceitar uma renda de zero euros a CML realiza um gesto de alto risco (tanto financeiro como político) nos tempos de inflação imobiliária que caracterizam a economia de Lisboa, e em particular a freguesia de Marvila.



A lista das contrapartidas já está enorme. Sem que a CML alguma vez nos tenha atribuído qualquer subsídio, oferecemos à cidade de Lisboa 60 concertos por mês (ao preço irrisório de 7,50 euros por pessoa e por noite), 100 exposições de artes plásticas por ano, uma escola de música (frequentada por mais de 70 alunos), a única livraria especializada em filosofia, uma escola para os meninos que não vão à escola, um curso de filosofia contemporânea semanal de entrada livre, oficinas infantis de expressão dramática e expressão plástica, assim como espectáculos de teatro para crianças, todos os sábados.
Mas estamos quase a concretizar duas outras grandes contrapartidas. Uma rádio da Fábrica em FM e uma Universidade de Pós-graduação em filosofia política. Logo que estes projectos sejam actualizados, faremos então o contracto de arrendamento a custo zero com a CML.

Este é o Manifesto da Fábrica no momento de cumprir 12 anos de existência. 12 anos de uma cultura da transparência, de autonomia financeira, de independência estética e política. 12 anos onde tudo o que fomos sendo está à vista de todos.
12 anos onde nada está escondido, nada é latente, porque é totalmente manifesto.



Destaque da Livraria

A Relógio d'Água acaba de publicar a tradução do quarto volume da História da Sexualidade de Michel Foucault, com o título "As Confissões da Carne". O original tinha sido editado em França apenas no início de 2018.
Por todo o lado o aparecimento deste volume, que só o interdito da irmã do filósofo no momento da sua morte em 1984 condenara a 34 anos de segredo, foi recebido como o grande acontecimento editorial da década.
Ao contrário do que se esperaria, esta edição póstuma não é um amontoado de esboços, nem uma sequência de intuições ao estilo dos cursos marcados pela oralidade das aulas no Collège de France. É talvez o livro mais sistemático e mais amadurecido de todos os que Foucault escreveu.

Graças ao prefácio de Frédéric Gros, o editor deste volume, ficamos a perceber os enredos deste paradoxo de um póstumo mais cuidado do que todos os outros 3 volumes da História da Sexualidade publicados ainda em vida de Foucault. É que ele foi o primeiro dos 3 últimos volumes a ser escrito. Em 1981 o manuscrito quase completo já estava pronto. Mas, em lugar de figurar como volume 2 - recordemos que o primeiro volume, com o título "Vontade de Saber", tinha sido publicado em 1976 - Foucault entregou-o ao editor Gallimard com o pedido de ele ser publicado como volume 4, comprometendo-se a escrever entretanto os volumes 2 e 3. E entre 1981 e 1984 Foucault construiu aqueles que serão publicados, em Março do ano da sua morte, com os títulos respectivamente "O Uso dos Prazeres" e "O Cuidado de Si". Já no hospital onde viria a morrer, Foucault ainda teve força para corrigir quase até ao final a versão dactilografada deste volume 4.

A grande questão que agora enfrentam os leitores de Foucault é: porquê escrever em primeiro lugar a genealogia das formas de problematização dos prazeres da época do cristianismo, mas só querer a sua publicação depois dos volumes sobre a Grécia clássica e sobre Roma? A resposta, que vai demorar anos e anos de comentário a encontrar a sua formulação completa, está no entanto sugerida num pequeno texto que figura como Anexo 1 desta edição. Aí encontramos a seguinte afirmação de Foucault: " O que se trata de demonstrar: 1. Existe um núcleo prescritivo relativamente constante no cristianismo. Este núcleo é antigo. E formou-se antes do cristianismo. Encontra-se claramente atestado entre os autores pagãos da época helenística e romana." (p.387). É ao tentar demonstrar a ruptura que as figuras do interdito e da confissão trazidas pelo cristianismo tinham produzido na história das problematizações dos prazeres herdadas dos gregos e dos romanos que Foucault descobre que, afinal, não existe uma tal ruptura. E, se as prescrições do cristianismo já se encontram nos autores pagãos, então é todo o projecto da História da Sexualidade, apresentada na forma de um quase manifesto em 1976 no primeiro volume, que tem que ser repensado. Essa é a força maior de toda a obra de Foucault. Intuições fulgurantes sobre os grandes abismos das formas de representação da subjectividade no Ocidente e, ao mesmo tempo, a refutação mais radical dessas mesmas intuições.

Talvez, por isso, este quarto volume da História da Sexualidade seja o livro mais fundamental de todos os que Foucault escreveu. É verdade que, em si mesmas estas quase 500 páginas, brilhantemente traduzidas por Miguel Serras Pereira, parecem aborrecidas. São comentários, na escala de 1 para 1, dos textos da patrística, numa genealogia paciente dos grandes traços da teologia e da moral cristãs e do modo como se integraram nas experiências daquilo a que Foucault chama o "sujeito da concupiscência" dos tempos modernos. No entanto, esse sujeito, pela primeira vez descrito por Foucault, onde se ligaram desde há alguns séculos o sexo, a verdade e o direito, só se deixa pensar neste percurso errático de cada livro desse mesmo Foucault. E este, escrito em 1981 e apenas publicado em 2018, é talvez o centro de inteligibilidade da obra do autor mais citado em ciências humanas do sec.XX.

Com esta publicação a Relógio d'Água confirma o seu estatuto da mais importante editora portuguesa na área da filosofia e das ciências humanas. Os outros 3 volumes da História da Sexualidade já tinham sido publicados ali, sempre com traduções exemplares. Agora só nos resta esperar que a Relógio d'Água também se dedique a traduzir alguns dos principais cursos de Foucault no Collège de France.

12 anos de Fábrica Braço de Prata



2007

Inauguração a 14 de Junho, depois de 7 dias de limpezas e obras, com base num acordo de comodato com aquele que era então o proprietário, o empreiteiro Obriverca.



2008

A Câmara Municipal de Lisboa negoceia com o proprietário a não expulsão deste "Centro Cultural Privado de Marvila" e aprova na Assembleia Municipal a deliberação de, quando o edifício vier a ser propriedade da CML ele só poder vir a ter um uso cultural. .



2009

São defendidas na Universidade de Lisboa as primeiras Teses de Mestrado sobre a Fábrica (em arquitectura e em ciência política).



2010

Refundamos a livraria de ciências humanas da Fábrica depois de a Associação Ler Devagar (que tinha ocupado 3 salas) se ter transferido totalmente para a LX Factory em Alcântara.



2011

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa instaura um processo disciplinar contra o fundador e director da Fábrica (condenado a 130 dias sem salário e sem poder dar aulas). A acusação principal foi a de ter criado a Fábrica do Braço de Prata sem pedir autorização à direcção da Faculdade.



2012

A Caixa Geral de Depósitos, que entretanto passara a proprietária do edifício da Fábrica por dívidas da Obriverca (que entrara em insolvência) recusa-se a estabelecer um contrato de arrendamento que nos permitisse legalizar a actividade do restaurante e dos bares. Pelo contrário, pede que abandonemos o edifício para que ele possa ser colocado no mercado. Continuamos ilegais.



2013

O Jornal espanhol El País elege a Fábrica como exemplo de uma “Lisboa alternativa” e dedica uma página inteira a esta aventura.



2014

A pedido de Pilar del Rio (viúva de José Saramago) o último romance, inacabado, do prémio Nobel, com o título Alabardas, é lançado na Fábrica. Numa cerimónia que conta com a presença dos editores português, espanhol, brasileiro e italiano, assim como com as intervenções de Roberto Saviano e de Eduardo Lourenço, é sublinhada a importância, na juventude de Saramago, da Fábrica do Braço de Prata, enquanto antiga fábrica de material de guerra.



2015

Uma aluna do curso de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras, a fazer estágio na Fábrica, realiza o mais extenso documentário sobre a nossa história e sobre a diversidade do que por aqui vai acontecendo (disponível on-line).



2016

Na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lausanne é defendida uma tese de doutoramento sobre Espaços Culturais Alternativos, comparando experiências de revitalização urbana em Lisboa, Ljubljana e Geneva. O caso da Fábrica é exaustivamente trabalhado.



2017

A CML, que entretanto passara finalmente a proprietária do edifício, propõe-nos um contrato de arrendamento de 0 euros e permite que recuperemos todo o andar]superior que era anteriormente ocupado parcialmente por um escritório de advogados.



2018

Consolidamos a Escola de Música. Tendo a vertente clássica, ela é no entanto maioritariamente orientada para aulas de instrumento e de voz no interior da tradição do Jazz. No primeiro ano tivemos 12 alunos. Actualmente são mais de 70.



2019

Ampliamos a dimensão didáctica da vertente dedicada às crianças e criamos uma equipa de professores responsáveis por um conjunto de oficinas (leitura, cálculo, circo, dança, artes plásticas, música, teatro, filosofia) que apoiam os meninos e meninas que não vão à escola.

O 12º aniversário

Sempre que nos aproximamos da data de mais um aniversário somos assaltados pela mesma sensação de vertigem que marcou o dia da nossa inauguração. Iremos conseguir dar o salto sobre o abismo? Seremos capazes de garantir a existência da Fábrica por mais um ano? Teremos condições para continuar a receber cerca de 60 concertos por mês pagando aos músicos apenas com o resultado da bilheteira no final de cada noite? E existirão ainda mais de 100 artistas plásticos que, ao longo do ano, queiram apresentar os seus trabalhos nas nossas salas sem terem a garantia de vender uma única obra? A Câmara Municipal de Lisboa continuará a proteger esta aventura aceitando que habitemos este antigo edifício da administração da Fábrica de material de guerra sem pagarmos qualquer valor de renda? O mercado imobiliário irá tolerar a sobrevivência desta profanação de todas as leis do mercado, mesmo no centro da Lisboa do século XXI?

E, como no primeiro dia, a 14 de Junho de 2007, existe uma força muito maior que nós que nos empurra para o desconhecido. Hoje sabemos que essa força não vem de trás. Não é o que já conseguimos fazer que nos inspira. E já fizemos o que pareceria impossível - como passar mais de 2 milhões de euros dos bolsos das pessoas que pagam a entrada para assistirem aos 4 ou 5 concertos de cada noite para os bolsos dos mais de 3.000 músicos que aqui alguma vez tocaram ao longo dos nossos 12 anos de vida. O que nos inspira é tudo o que hoje se tornou possível fazer. Somos empurrados por aquilo que ainda não existe e que tem a forma do imprescindível.

Para um futuro da música em Portugal

Entrevista com Ricardo Pinto

Por Felipe Raizer

2017 foi o ano da criação de um antigo e grande projecto da Fábrica Braço de Prata: uma sólida Escola de Música onde ensinam os muitos músicos que fazem parte da nossa história. Com ensino dos principais instrumentos que compõe as tradições musicais contemporâneas, desde o piano à bateria, trompete, saxofone, contrabaixo e guitarra, a Escola ainda promove no aluno a capacidade de criação, assim como de pensamento crítico sobre a música. Ricardo Pinto é director pedagógico da Escola e conversou com nossa revista sobre os rumos deste importante projecto.

Qual a estrutura de ensino da escola?

R: Temos diversos cursos abertos, pacotes livres de aulas e um curso com duração de 3 anos. Este curso compreende o ensino de instrumento e formação musical também. Temos uma equipa de professores excelente. Vários dos nossos professores estão a dar aulas em várias Faculdades do país neste momento. Ao longo do ano vamos promovendo também workshops e masterclasses com vários nomes importantes da música em Portugal. Este ano tivemos aqui, por exemplo, a visita de Carlos Barreto, Luís Candeias, Victor Zamora e Léo Espinosa. Eles vieram falar um pouco das suas experiências profissionais e passar para os alunos conhecimento sobre seus processos de criação musical.

Qual o projecto pedagógico da escola? Que orientação o aluno encontra aqui?

R: A direcção da Escola é bastante focada na linguagem e ensino jazzístico. A idéia é que ao longo destes 3 anos as pessoas possam criar os seus próprios projectos musicais e que possam abranger, se quiserem, outras áreas da musica que não só o jazz.

O que é necessário para estudar na Escola de Música Braço de Prata?

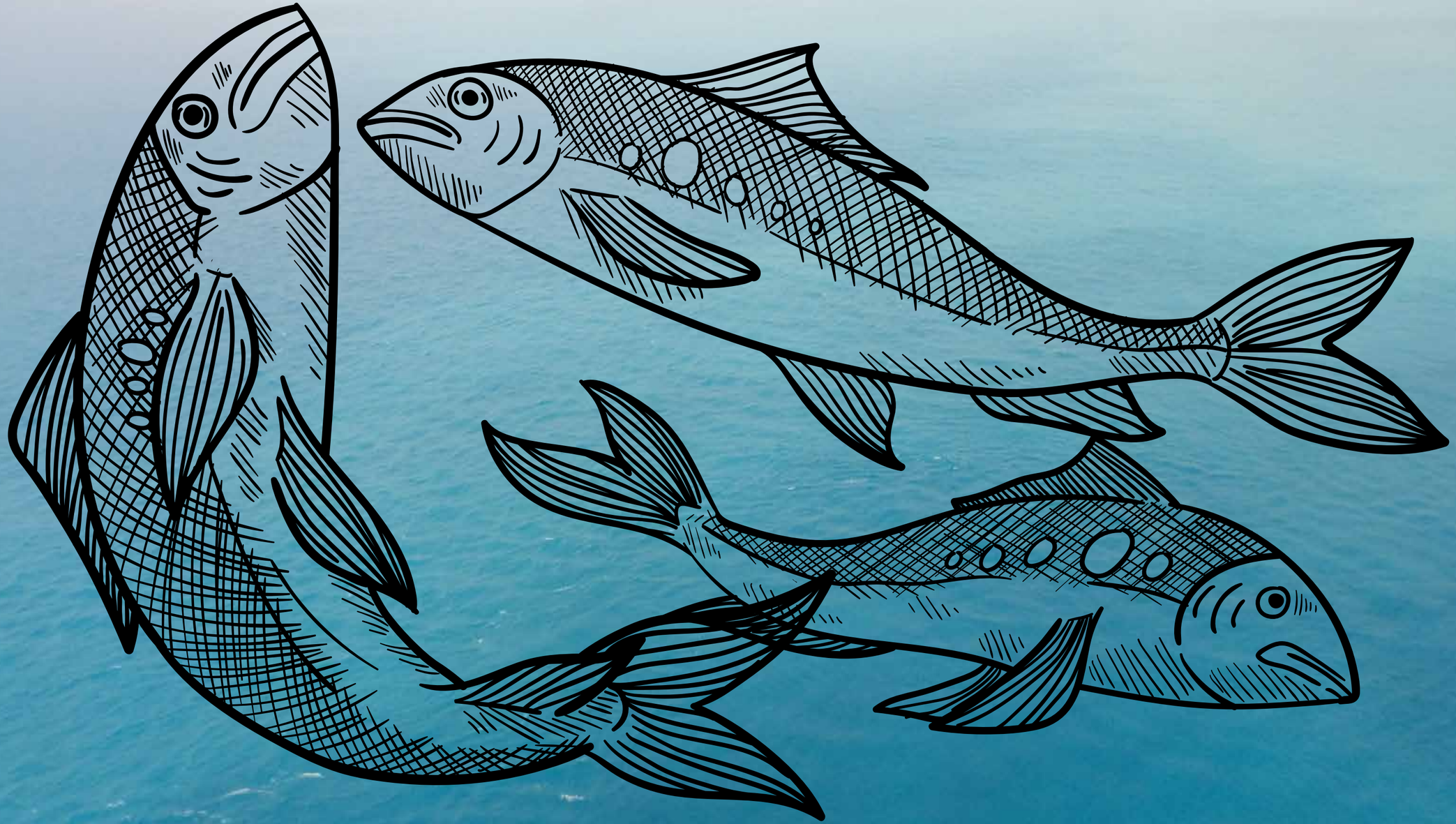
R: É necessário ter alguma paciência, vontade, foco e possuírem instrumento próprio. Na casa temos pianos de cauda e baterias, além de amplificadores e salas equipadas com o necessário para formação. O curso principal tem um valor de mensalidade bastante apelativo, na ordem de 150 euros por mês, com uma encargo de inscrição simbólico de 45 euros por ano.

O que já foi conquistado nestes 2 anos de história da Escola?

R: Acima de tudo, foi conquistado um núcleo de professores e alunos que se tornou um circulo de amizade muito grande. Além disso, proporcionamos aos alunos a possibilidade de assistir a concertos e de estar em contacto directo com os músicos que estão a tocar na Fábrica Braço de Prata. Temos esta articulação dos músicos da casa que estão sempre em contacto com a Escola. Essa sinergia é extremamente importante para que possamos crescer cada vez mais. A interatividade é uma grande mais valia nesta escola, a fusão constante entre o mundo real da música e aquilo que é ensinado.

No próximo dia 14 de Junho, a Fábrica Braço de Prata comemora 12 anos de existência. Será também a comemoração dos 2 anos da Escola. Haverá uma demonstração de combos realizada pelos alunos da Escola de Música Braço de Prata.


12 ANOS
CONCERTOS
GASTRONOMIA
FESTA
14/06/2019
ARTE



SARDINHADA de 12 anos!


RAONI ASSIS
EXPOSIÇÃO &
TATTOO FLASH DAY

No 12º aniversário, e para comemorar as mais de 1.000 exposições de artes plásticas acolhidas na Fábrica desde 2007, iremos realizar uma retrospectiva de doações recentes. Tudo o que a Fábrica pede em troca de um espaço expositivo é uma obra de cada artista que passa por cá. Tal significa que, ao longo destes 12 anos, temos vindo a criar uma grande coleção de obras com enorme qualidade.
Esta exposição é um olhar para os últimos capítulos do nosso acervo. Aqui destacamos peças de artistas como Ana Rocha Pinto, Anabela de Jesus, António Segurado, Carlos Rocha Pinto, Colectivo dirigido por Martinho Costa, Daniel Dias, Elena Valsechi, Filipe Ribeiro, Francisco Maya, Gastão Brito e Cunha, Isabel Ruth, Isabel Andrade, José Morujão, Lorenzo Lumeras, Manola Ortiz de la Torre, Maria João Ferreira, Maria José Cerqueira, Maria Matias, Pedro Nunes, Pedro Prostes, Philip Hunt, Rodrigo Germano, Rui Patraquim, Sandra Sequeira, Silvia Zang, Teresa Castanheira, Valerio Giovannini, Vera Espiñal. .



OPEN CALL

I BIENAL DA FÁBRICA

PINTURA
INSTALAÇÃO
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
VÍDEO
DESENHO
ILUSTRAÇÃO
PERFORMANCE

2019

1 MAIO > 28 JUNHO
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

PARA MAIS INFORMAÇÕES ENVIAR EMAIL PARA
BIENALDAFABRICA@GMAIL.COM

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

Pegada de Prata - Férias no Bracinho

As oficinas de férias no Bracinho de Prata estão de volta. Um ano depois da criação da nossa comunidade educativa, que tem vindo a dar apoio a famílias em homeschooling, temos imensas novidades para partilhar e montes de projectos para pôr em prática convosco.

Precisamos de companheiros entre os 4 e os 14 anos que queiram vir descobrir o maravilhoso mundo que temos vindo a criar.

Somos artistas de circo, professores de filosofia, músicos, artistas plásticos, artesãos, actores e cozinheiros, prontos a revelar os nossos segredos.

Organizámos esta aventura em blocos quinzenais, onde em cada uma das semanas se desenha um novo enredo que virá a público à sexta-feira.



Informações e reservas: 938 805 541
bracinhodeprata@gmail.com

expressão dramática.artes circenses.expressão corporal.
expressão musical.expressão plástica e cenografia.caracterização.filosofia divertida.yoga

Pitéu do Mês

As famosas Bolinhas de Alheira

Tola do Mês

Portinho da Silva



Vinho do Porto Rosê
Compota de Frutos Vermelhos
Lima & Açúcar

Agenda de Junho

14
Festa de Aniversário do Braço de Prata

15
Jacarandá
Ricardo Pinto
Guida Scarlatty
Caña Dulce Caña Brava (mexico)
Cubaflamen
Nath Rodrigues

19
Tradballs
Ricardo Dias Gomes
Jerome Calystar

20
Victor Zamora trio + Jam Session
Baul Mystic
Malícia sessions

21
Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
Alexandre Frazão Trio
Chalo Correia
Djumbay Jazz
Tons Azuis - Silvia Nazário

22
Esta noite Grita-se
Victor Zamora Trio
Guida Scarlatty
Tercio Borges e Cris Caner
Nuno Ferreira

26
Tradballs
Symph
Ricardo Dias Gomes

27
Victor Zamora trio + Jam Session
Malícia sessions

28
Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
Nicole Eitner
Trance Del Mimo
Javier Subatin Trance Trio

29
Ricardo Pinto convida
Guida Scarlatty
Havana way trio
Tributo a Simon and Garfunkel

Os operários

Rafael Loureiro

Márcia Costa

Beatriz Armando

Ricardo Marques

Bárbara Rocha

Roni William

Cátia Teixeira

Nuno Nabais

José Vieira (Sr. Zé)

Raquel Lima

Maria Vieira

Maria Matias

Sílvia Rebelo

Mariana Martins

Nanci Rocha

Felipe Raizer

Vó Nené

Marco Martins

Renato Martins

Mariana Guerreiro

Francisco Guerreiro

Rosália Rebelo

Igor Tavares

Hugo Monteiro

Catarina Garrau

Ricardo Costa

Escola de Música Braço de Prata

Minji Kim

Javier Subatin

Óscar Graça

Iuri Oliveira

André Fernandes

António Bruheim

Diogo Caetano

Ricardo Pinto

Hugo Antunes

Leo Espinosa

Alice Serra

Catarina dos Santos

Sveta Melnichuk

Luís Candeias

Rita Crespo

Rogério Pitomba

Cláudio Andrade

Victor Zamora

Virgílio Mora

Ânia Pais

Mónica Dionísio

Mariana Frazão Isabel Flores

Bracinho de Prata

Berlinde aka Bity Aristóteles

Teresa Correia

Bruno Henriques Rita Oliveira

Mascotes

Tatinha

Packy

Amendoim Diogo

Amora

Violeta Rebelo

Aspirantes

Gabriel Rebelo Catarina Rocha



Ficha Técnica

Director: Nuno Nabais
Editor & Designer: Felipe Raizer
Colaboradores: Silvia Rebelo, Raquel Lima, Maria Matias, Barbara Rocha, Mariana Martins.